

# Face Iluminada

C O N T O S

**EDUARDO CAMPOS**

# **Face Iluminada**

C O N T O S

Fortaleza  
1946

À memória de  
MÁRIO DE ANDRADE

e para meus amigos  
ALÚZIO MEDEIROS  
MARQUES REBELO  
YACO FERNANDES e  
GUILHERME FIGUEIREDO

## SUMÁRIO

FACE ILUMINADA .....	11
MARIANA ESTAVA NA FRENTE .....	21
NAQUELE TALHADO DE TERRA .....	33
PÉS DE CHUMBO .....	45
A SOLTEIRONA DOS OLHOS TRISTES .....	53
O CAMINHO DOS QUE SOFREM .....	61
A ÚLTIMA VIAGEM .....	71
SEIS PEDAÇOS DE PAU .....	79

Face iluminada

**R**omão estava dormindo, pregando os olhos por conta de uma festança lá pras bandas do arraial. Passara dois dias puxando o fole numa dança de casamento, bebendo cachaça mais seu Andrade, mais Aparecida, e agora que ia descansar, que ia ficando mais feliz, mais calmo, D. Nizinha morria assim numa morte feia e o enterramento era marcado para a tarde. Achava tolice! Chamassem outra pessoa para enterrar D. Nizinha. Aquilo não era trabalho que precisasse de gente entendida. O difícil era uma mulher, como D. Nizinha, fazer vir a morte sobre sua vida. Isso, sim, é que era difícil. Mas enterrar um cristão, qualquer pessoa podia fazer. Uma pá, um pouco de vigor nos músculos e pronto. Haja a morta dentro dos sete palmos de cova rasa.

Mas o menino do recado ficou olhando pra ele, insistindo. Que ele fosse mesmo. O enterro seria à boquinha da noite, porque a defunta era indígena. Lavou o rosto, tirando a ressaca. Saiu, foi saindo zangado, com vontade de também renegar sua vida. Quis falar, dizer um nomão com a defunta, mas a defunta era mulher e nada tinha com o caso. Estava inocente. Por isso, ele ia. Ia e foi mesmo com toda a raiva que estava sentindo. Mas não entrou, ficou do lado de fora da casa, olhando por cima da janela o ajuntamento que lá na sala da frente, com o povo rezando, pedindo salvação e misericórdia para a alma pecadora de D. Nizinha. Ele não conhecia D. Nizinha. Não

sabia quem era a morta. Mas pelo choro do povo, um choro forçado, pela gritaria que de momento a momento vinha do interior da casa, crescendo, enroscando-se nas gentes, se alevantadinho como um ronco traiçoeiro de um bicho acuado e perdido, via claramente que a morta era filha de gente arranjada, de gente cheia de ouro, até mesmo filha do coronel Candinho, um velho que amocambava dinheiro num baú de couro velho. Mas, tolice, não adiantava estar fazendo o ajuizamento da morta. Se quisesse era mais prático, levantava o lenço e espiava seu rosto, suas faces. Mas mulher que morre de morte feia, como dizem que morreu D. Nizinha, é feia também. Tem cara do diabo, os olhos pra dentro, afundados à procura da alma que se fora do corpo pecador e imundo. Por isso, ele não vai, não entra, não espia pro cadáver. Mulher que morre de morte feia não deve ser vista por ninguém. Faz pecado no olhar.

Estendem um banco para ele. Dizem que se sente. Perguntam, depois, se quer um cafezinho passado na hora. Não sabe o que dizer. Balança com a cabeça que si. E o café vem na tigela nas mãos trêmulas de uma menina amarela como açafroa. Ele fica pensando. Será dele ou da morta o medo que a menina amarela está sentindo? Tem vontade de falar, de dizer qualquer coisa. Mas a voz se entala. Não pode sair. A reza que vem lá de dentro acuando sua palavras. Só o que vale ali é o choro, os olhos bem molhados. Por isso, se quiser dizer qualquer coisa à menina amarela, tem que chorar também, bem alto, soluçando. Mas falar, não. Ninguém pode falar...

Precisa chorar. Mas chorar por que? Ele não conhece a morta. Está ali apenas por obrigação, esperando que os parentes abandonem o cadáver e ele possa enterrá-lo com areia, barro e toda a sujeira do cemitério. Também não podia ser de outra maneira. Mulher que morre de morte

feia, tem que ser enterrada assim mesmo, com areia, barro e toda a sujeira do cemitério. E, afinal de contas, o corpo não vale nada. As palavras não são suas. São do seu vigário que diz ter valor apenas o espírito. E é mesmo. Ele acha quase impossível, mas foi o vigário que falou. O vigário sabe mais do que ele...

Toma mais um cafezinho. A tigela quase lhe cai das mãos. Mas segura com força. A menina amarela já está lhe olhando outra vez. Tem vontade de dizer mais nomes, nomes feios, mas nada diz. Fica olhando a menina. Mas não é a menina que ele está vendo. É a necessidade de enterrar logo D. Nizinha, de se desobrigar e poder ir para casa curtir sua ressaca. Teve vontade de entrar na casa, afastar o povo e dizer que estava na hora de enterrar a morta. Queria levar o cadáver pro cemitério... Mas o que ele queria mais ainda era jogar pazadas de barro, de terra, de sujeira sobre D. Nizinha, receber os 10 cruzeiros do serviço e voltar pra casa, dormir sossegado. Mulher que morre de morte feia não merece compaixão. É feia também, aparece depois em forma de assombração, mettendo medo nas criaturas. Mas ele não tem medo, não. Assombração não se mete com coveiro, especialmente com ele que tem dente de jacaré no pescoço, um dente que espanta tudo, lobisomem, mula-sem-cabeça. Até cobra passa por longe.

- Mais café?

Não, não foi com ele que falaram. Foi com o senhor vigário que vai encomendar o corpo. Mulher que morre de morte feia não devia ser encomendada. Coça a ponta do queixo. Está se lembrando de quem irá enterrá-lo quando morrer. Não há outra pessoa pela redondeza que goste daquela profissão. Na certa, ele vai ficar em cima da terra, juntando urubu. Treme. Terá tremido mesmo? A menina amarela está novamente em sua frente com a tigela de



café. Quase que dá um grito com a menina. Não, não queria café! Queria mais cachaça, enterrar D. Nizinha e ir embora! Isso, sim! Mas nada diz.

Os parentes da morta se movimentam no interior da casa. Há um cheiro de velas bentas que choram nos castiçais. A defunta é tão pequenina... Parece até que não tem 19 anos. Será que tem? Sente mais curiosidade de entrar, levantar o lenço branco que cobre o rosto da defunta. Mas na. Não vai. Está fazendo tolice. Quem morreu, morreu, se acabou. O que vai fazer é jogar terra em cima dela, logo mais, e ganhar os dez mil réis do serviço. Mulher que morrer de morte feia não merece compaixão. Não merece, não merece...

Estão tirando outro terço. Todo mundo se ajoelha. O coronel não pode se ajoelhar. Sofre de reumatismo nos joelhos. Fica de pé, olhando pra defunta, com devoção. Todo mundo se ajoelha. O mundo está fugindo da sala, da morta. Todos estão pensando na morte, no caixão, na rede que balança, mais balança com gente dentro. Na sala não existe mais D. Nizinha. Existe, sim, o vigário, o coronel, D. Chiquinha, seu Malaquias...

Negro Romão continua encostado na parede, sentado no tamborete. De repente, se levanta e entra. Sua voz grossa, molona, enche a sala cheia de defuntos.

- Eia, gente vamo apressá essa história... Vai chovê comos todo...

A chuva rebentou de uma vez. Os trovões ficaram pipocando por cima da serra em corridas de estalo. A água já escorria em riachos que iam engrossando nos barrancos. E o barro foi ficando cada vez mais pegajoso e escorregadio. As árvores pesavam, envergavam com o furor do vento. Poças d'água aqui, lá mais adiante, no leito da estrada assinalavam a formação de próximas lagoas. E a chuva impiedosa

castigando todo tempo. Foi um trabalhão para se sair com o cadáver. Ninguém queria levar a morta. Seu vigário ficou indeciso, num canto. O coronel se queixou de seu reumatismo. O joelho estava doente. D. Chiquinha não podia também. Estava com a barriga crescida.

Só o cadáver não se queixava. Estava mudo, com aquele lenço branco, de tanto pegado, sujo, cobrindo se rosto. Foi quando Romão se avantajou dentro da sala, e gritou que queria ir embora, que queria enterrar a morta quanto antes.

Trouxeram a rede. Tiraram a defunta de cima da mesa de jacarandá, com se tirasse um pecado mortal. Não apareceu a mãe de D. Nizinha, nem seu pai. Só um choro forte, falso e mentiroso ficou tomando conta da sala. A menina amarela estava, outra vez, com a tigela na mão. Oferecia a tigela a todo mundo e ninguém queria café. Ninguém queria o que estava dentro da tigela. A tigela da menina amarela parecia ter o sangue frio e coagulado da defunta.

Finalmente, a defunta dentro da rede, seu Malaquias segurando no pau da frente, seu Fernandes no de detrás. Romão fazendo um adjutório, de quando em quando. Atrás, a procissão de gente. Pedacos de esteiras, guarda-chuvas, cabeças também na chuva, tudo seguindo a rede da defunta. E quando, na primeira curva, o negro olhou para trás, eram apenas vinte os que iam seguindo o cadáver de D. Nizinha. Depois, aquela fila de gente foi sendo puxada, sendo arrancada de perto da morte, ficando nas casas dos conhecidos, passando o temporal. E quando o corpo ficou imóvel sobre a terra encharcada do cemitério, só duas pessoas estavam com o negro Romão: seu Malaquias e seu Totonho. Mas não ficaram. Murmuraram umas desculpas. Seu Malaquias até foi mais correto. Antes de sair, tiritando de frio, ajoelhou-se na terra molhada e fez o pelo-sinal-

da-cruz. Seu Totonho nem isso, virou pra trás. Já estava longe, fugindo da areia pegajosa do cemitério.

Negro Romão ficou só com a morta. E se dizer que ainda tinha de fazer a cova pra ela, cavar sete palmos de terra. Disse um nomão. Aquela mulher não merecia a menor consideração. Morrera porque quisera. Tomara veneno, depois de estragar a vida de um homem. Mas... tinha que ser assim. O que não podia ser era deixá-la em cima da terra, virando carniça. Vai cavar sete palmos. Sete palmo sé da conta. Ele era pago pra cavar sete palmos...

Principiou a cavar. A picareta subia e fendia a terra úmida. Depois, usou a enxada "Jacaré". Mas antes de terminar o serviço, lembrou-se que podia gripar com a chuva renitente. Deixou a defunta solenemente imóvel na terra fria e desceu o morro do cemitério. Precisava beber um trago na venda do seu Benício.

Quando voltou, veio mais quente, mais zozzo ainda. A cabeça por acolá... Os lábios murmurando injúrias à terra molhada e à chuva que não passava. Os relâmpagos haviam recomeçado com mais ruído dos trovões que se repetiam num eco forte e forçado por cima da serra. Cavou mais um pouco. Calculou sete palmos. Sete palmos de terra. Cuspiu dentro. Devia cuspir na defunta. Uma defunta sem caráter, na certa. Uma mulher feia que morria de morte feia. Cuspiu em cima do lençol que envolvia a morta. Agora, era aprofundar a cova e trazer o corpo pra dentro. Tombou um pouco e a sua mão ficou sem apoio. O corpo foi lá e cá, mas se aprumou. Um vento forte soprou de vez. Relâmpagos se abriram em cima, no céu, iluminando os túmulos, as cruzes velhas e sombras do cemitério. Ele nem tinha medo disso. Só estava paulificado por ter saído do seu sono para enterrar uma mulher nojenta, sem caráter... Uma mulher que tomara veneno...

A mão escorregou. Bateu no lenço que cobria o rosto da morta. Foi olhando. Quase que gritou. Lá estava a defunta. Uma meninazinha, podia-se dizer. Rosto meio pálido, narizinho arrebitado, ligeiramente arrebitado. Feições suaves de santa, de gente que morre satisfeita de ter cumprido um destino. Os olhos estavam cerrados assim como se dormissem descansando num longo e misterioso sonho. As mãos pálidas se cruzavam sobre os seios miúdos e o queixo caía um tiquinho para o lado, entre os cabelos soltos que vinham se estender em torrente no estuário dos seios. Parecia lhe pedir alguma coisa. Agora, com a luz do relâmpago, ele teve a nítida impressão de que ela falava, que ela lhe pedia desculpas por todo o trabalho que tivera. Os lábios tremiam, pareciam tremer. Eram as gotas d'água escorrendo pelo narizinho arrebitado.

Romão se sentiu revoltado consigo mesmo e com os outros. Então, era aquela a mulher que tinha morrido de morte feia? Que o tinham chamado para enterrá-la com pressa, com chuva e tudo? Um rostinho tão lindo daquele? Não, ele e os outros eram uns desumanos. Gente que tem pauta com o demônio.

Largou a enxada com desdém. Empurrou a picareta com raiva. Fez rolar a pá pela encosta do morro. Depois, aproximou-se da morta como se se acercasse de uma roseira sem espinhos. Com cuidado, puxou-a para um abrigo. Cascavilhou os bolsos, à procura de um coto de vela, uma caixa de fósforos. Nada. Não tinha nada. Lembrou-se da capelinha do cemitério. Num pulo, se achou lá. Empurrou a porta, viu os fósforos, a vela que ele queria. Voltou em cima dos passos. Ainda chovia, mas chovia pouco e ele recebia as gotas d'água com satisfação. Os trovões estavam mais distantes, estrondando no bombo do infinito.

Acendeu a vela e colocou-a ao lado da morta. Depois se acorrou ao seu lado, todo contrito, no firme propósito

de fazer um velório digno e honrado. Ela só seria enterrada pela madrugada quando o sol viesse aparecendo por cima da serra...

Esqueceu a festança de dois dias, o enjôo, o cansaço. Agora, sim, se sentia mais homem, mais satisfeito. Estava prestando um favor, um favor que não custaria dinheiro. Uma obrigação de gente honrada. Estava amparando aquela que tinha sido desamparada pelos próprios pais, só porque trouxera a morte sobre sua vida. Como era bom ser útil a alguém, fazer um favor, sem o interesse do dinheiro...

O temporal passara de vez. Já nem chovia ao menos. E no cemitério, existiam apenas, naquele momento, o negro Romão e o coto de vela iluminando a face da morta.

O negro respirava com força, com entusiasmo. (Se a menina amarela aparecesse com a tigela, agora sim, ele queria café!)

Mariana estava na frente

**Z**eca Parrião vinha de uma família gloriosa. Gente valente que brigava na revolução de Juazeiro, ao lado do padre Cícero, e que metera medo ao povo do sertão. Num raio de cinqüenta léguas só se falava na sua família. Era meio sangue ruim, meio sangue bom, complacente e amigo. Não estudara, tinha apenas algumas noções da primeira classe, mesmo porque, para o velho major Parrião, não adiantava estudo, o que botava a vida pra frente era a força, a tropa de homens armados dentro de casa, garantindo a avassalagem nos domínios alheios.

Zeca Parrião deixou a escola na primeira classe. Veio a promessa de um curso melhor, por parte de um tio. Mas quando ia chegar esse tempo, Major Parrião deu sumiço no filho. Desde então veio a derrocada da família, as quedas, a ruína total. Major Parrião não se agüentou muito tempo. Morreu num dia qualquer e dizem até que pro povo de Juazeiro a sua morte foi um alívio. Agora, quem aprendeu alguma coisa, quem ficou com o dinheiro do Major, sua arte de roubar e matar, vai indo bem. Tem casa comercial na cidade, engenho lá pras bandas de Barbalha e muita coisa mais. Quem foi sempre tolo e não aprendeu nada, como Parrião, vive ali naquele pedaço de terra, no “Andorinha”, trabalhando noite e dia para a família não morrer de fome. Graças a Deus eram apenas três. Ele, Mariana e Miguelzinho. Nasceu um outro menino, mas morreu em tempo. Depois foi aquela luta pela vida, pela

necessidade e comprar vestidos para a mulher, roupas pra ele e pro menino. Os parentes mais ricos não o ligavam para nada. Não conheciam nele o neto estimado do major Parrião. O neto que mesmo contra a vontade do velho devia ter estudado e aprendido alguma coisa. O moço que lutara várias vezes ao lado da família, de bacamarte em punho, lenço encarnado em volta do pescoço. Nada disso. Ele era pobre e desprezado.

Hoje, doutor Amarílio Parrião não se lembra que é parente dele. Que ele precisa de um auxílio para não morrer de fome. Está esquecido de sua miséria. O dinheiro que tem de sobra foge para as mulheres do cabaré de Crato. Enquanto isso, ele não tem nem o suficiente para vestir a esposa. Enfim, Mariana é uma mulher boa... Nem reclama a vida miserável que levam no “Andorinha”.

Por isso, se sente abafado, sem ânimo. Não é propriamente medo que ele tem da falta de chuva, no tempo ruim do sertão. Nada disso. Foi sempre um cabra macho para tudo. Nunca pediu favor a ninguém. Se hoje não possui nada e vive trabalhando no campo e se não tem um D-ERRE na frente do nome, a culpa não lhe cabe. O que ele tem é receio de pegar uma faca e estragar a vida do parente rico e besta.

Mas, agora sabe que não vai poder agüentar. A coisa está piorando. Juazeiro está ficando quente, insuportável, com a falta de chuva. Só dá dinheiro agora a quem tem dinheiro para explorar a miséria alheia. Ele não tem mais do que aquela tapera imunda sem começo e sem fim. Uma coisinha de casa. Sabe muito bem que agüenta. E longe dele a vontade de pedir auxílio aos parentes baludos, cheios de ouro. De duas uma, ou se acaba ali ou vai embora de uma vez.

Miguelzinho estava dormindo. Mariana lavava o alguidar da comida, na cozinha. Zeca Parrião assuntando.



A mulher, certamente, já sentira a presença daquela situação aflitiva. Mesmo que chovesse, a miséria seria grande. O governo se esquecera dele. O melhoramento, o dinheiro que vinha pra Prefeitura, saía em forma de fio de pedra, de jardim e outras bobagens. No campo nada se fazia. Não havia semente para a planta. Nem enxada. Ele, por exemplo, que trabalhava no leito, ganhava, quando tinha serviço, dois mil réis por dia de trabalho forçado. Não sabia por isso o que era festa, o que era um copo de vinho. Bebia cachaça, que pouco custava. E cachaça ruim, porque a branquinha boa, legítima, ganhara preço também.

– Ô Mariana...

A mulher disse que já vinha e veio depois. Não havia necessidade dele dizer nada. Ela sabia que o feijão tinha subido, que o arroz estava sem preço, subindo, subindo sempre. Ficaram se olhando. Se indagavam à procura de um caminho melhor. Agüentar a vida que iam levando era humanamente impossível. Se os parentes, ao menos...

Mariana quis falar nos parentes deles, na gente rica que era dona do comércio, do cinema, das praças de Barbalha, de Crato, dos cabarés, mas ficou calada, em si mesma. Os olhos do marido afastaram para longe aquela esperança. A única coisa que lhes restava era fugir dali, deixar aquela terra.

– “Mas ir pra onde?”

Faltava dinheiro para isso. Tudo estava caro com a guerra. Da capital vinham histórias desconcertantes sobre a situação. Na Europa, o povo estava brigando e o Brasil entrara na guerra. Ao menos se ainda tivesse forças para pegar na arma e brigar...

Agora conversavam. Mariana lembrou-se de um parente dela que morava em Crato. O Manuel Lourenço. Mas Zeca Parrião não achou conveniente procurá-lo. Pedir esmola não era pro feitio dele. Botava de lado essa idéia.

Miguelzinho acordou lá no quarto e chorou. Mariana saiu correndo, espiar o filho. Parrião enrolou o cigarro de palha e se sentiu desamparado, sozinho no mundo.

O menino parou de chorar. Ficou o acalanto da Mariana dentro da casa. Agora, foi Parrião que teve uma vontade louca de chorar. E chorou mesmo. Umas lágrimas grossas, pesadonas, como se tivessem areia.

A Sopa parou na frente da Prefeitura. O senhor de roupa escura desceu do carro e procurou pelo prefeito. O menino que estava na porta explicou:

- Seu Prefeito tá jogando gamão na casa do promotor.

O dedo sujo apontou. A boca de dentes cariados ajuntou:

- Ali defronte, seu moço.

A Sopa chispou, deu a volta e foi parar na casa do promotor. Não houve explicação. O prefeito já sabia que o SEMTA iria mandar um representante a Juazeiro à procura de braços para o Amazonas. Era uma contingência da guerra.

Seu Tenório mandou o homem escuro entrar. Fizesse o favor de sentar. O prefeito fez as apresentações. Foram ao assunto.

- Faz um cafezinho quente, Ana!

Os meninos ficaram rodeando a caminhonete. O homem de escuro se chamava Alfredo. Era um dos diretores do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas. Queria cerca de mil homens, gente acostumada ao trabalho. O prefeito abriu a boca com espanto. Era demais. Mil homens representava uma baixa considerável. A lavoura do município não suportaria tão rude golpe. Podia arranjar uns duzentos. E isso com muito trabalho.

Veio o café D. Ana encabulada chamando todo mundo de doutor. O promotor entrou no assunto. Achava que

o prefeito devia fazer uma forcinha e arranjar uns quatrocentos homens.

– Perfeitamente. Duzentos é muito pouco. Nós precisamos de braços para o Amazonas. A borracha é vital nesta guerra. Trata-se de um esforço, (fez um gesto com as mãos à procura de uma palavra de maior efeito. Achou) de uma melhor compreensão.

Tirou um cartão do bolso. Era uma recomendação especial do interventor. O prefeito abriu-se então. Como não, que ignorante ele era. Certamente que havia necessidade de mais gente. Daria um jeito. Falaria com o Parrião. O doutor Parrião tinha muita gente, tinha prestígio. Ajudá-lo-ia.

– Trouxe comigo uns cartazes de propaganda...

Abriu a pasta. O prefeito e o promotor se aproximaram. A cartolina desenhada mostrava um caminhão cheio de trabalhadores. Por baixo havia uma legenda em letras vivas: “MAIS BORRACHA”.

Guardaram a cartolina, os papéis e o resto do material de propaganda. Foram conhecer a cidade. Depois, houve mais café, mais cumprimentos embaraçosos por parte de D. Ana.

Quando se despediram e a Sopa partiu veloz com destino a Crato, o prefeito ficou pensando nos quatrocentos homens. Não ia ser fácil, como havia dito, arranjar tanta gente.

Voltou a olhar os cartões de propaganda: “MAIS BORRACHA”.

– Mais coragem...

Saiu para a prefeitura.

Zeca Parrião entrou na fila do alistamento de trabalhadores para o Amazonas. Entrou na fila como se entrasse num caminho escolhido pela sua própria vontade. Estava

pensando em ir embora mesmo de fato, em não pedir favor ao parente rico, ao doutor Parrião de uma binga! Ia embora para o Amazonas, ganhar dinheiro e voltar baludo, bancando o paroara. “Andorinha” ficava aos cuidados de um vizinho. Levava a mulher e o filho. O resto, seria como Deus bem quisesse.

O apontador, um homem amarelento, ia fazendo a chamado. Outro sujeito, metido num macacão azul, fazia algumas perguntas. Um terceiro, mais enfronzado, adiantava o dinheiro.

Quando chegou a vez de Zeca Parrião, ele se sentiu trêmulo, confuso. Tinha medo de não ser aproveitado, de perder aquela única oportunidade que tinha pela sua frente para se safar da miséria em que vivia. Já se sentia cansado, com trinta e oito anos...

– Como é sua graça?

– Eu... eu me chamo Zeca Parrião.

– José Parrião.

O homem que fazia o pagamento, voltou a cabeça.

– Parrião? O que é que você é do doutor Parrião? Ele me disse que não queria ver ninguém seu metido nessa história...

– Nada, não senhor

Teve vontade de mandar o homem também pro inferno, juntamente com o doutor Parrião. Mas se conteve. E ficou até satisfeito quando veio a confirmação do apontador.

– Serve pro trabalho. É um pouco vivido, mas é cabra mesmo pra qualquer trabalho. Conheço o pau pela casca.

Zeca Parrião estava com vontade de dizer alguma coisa, mas foi na onda. Todo mundo estava rindo. Riu também.

O trem deu um apito triste e saiu de Juazeiro. Miguelzinho ia dormindo nos braços de Mariana que não se cansava de olhar para a paisagem que corria lá fora, por entre os postes do Telégrafo.

Parrião sonhava com a riqueza do Amazonas, com a posse de um seringal. Aquilo tinha sido um presente de Deus. Como Deus era bom...

Os outros companheiros, que iam dentro do carro de segunda, falavam também nos mistérios da terra verde, na facilidade de se enriquecer do dia para a noite, e principalmente na abundância das chuvas. No Amazonas tudo era diferente. Não era assim como no Ceará, onde às vezes deixa de chover por três anos seguidos, com o gado morrendo, as criaturas também.

- O senhô vai vê como eu vou voltá rico...

Falava um amigo de Crato que ia disposto a tudo. Seu maior desejo era voltar com um anel de brilhantes no dedo, bancando o sujeito importante.

Parrião pensava também nisso. Pra que mentir? Ele queria voltar rico pra poder mostrar aos parentes endinheirados que também podia viver bem. Lembrou-se do major Parrião. Se ele fosse vivo, mandava parar o trem.

- "Gente minha não é aflagelada!"

Goza com isso. Tem a impressão que é verdade e que vai acontecer coisa muito pior. Mas o major está morto para sempre.

Mariana espia o marido. Miguelzinho acordou e agora está olhando a paisagem que corre, os campos fugindo, ficando para trás.

As melhores recordações meio que vão se encobrendo na curva do caminho de ferro.

Em Fortaleza, depois de dias seguidos num campo de concentração, eram ultimados os preparativos da partida. O grande momento tão esperando por Zeca Parrião. Havia até uma alegria sem fim tomando conta de todos. Uns tocavam realejo, outros batiam pandeiro. Um preto velho de Barbalha cantava desafios, falando em assom-

braços. Zeca Parrião se sentia satisfeito também. Sabia uns versos de desafio, mas não tinha coragem de dizê-los. Preferia guardá-los para si mesmo, como se aquilo fizesse parte de um tesouro oculto, irrevelável.

Finalmente, pela última vez, em fila, nos preparativos da partida. Conversando baixinho com o seu vizinho da frente, contando passagens da vida do avô.

- 98!

- Pronto. Zeca Parrião!

Avançou. O homem que escrevia sentado na mesa, levantou os olhos pra ele.

- O senhor é casado, não é?

- Com a graça de Deus...

- Então...

Veio a explicação. Tinha que ir só para o Amazonas. A mulher e o filho ficariam em Fortaleza, até que ele voltasse. O que ganhasse lá seria repartido com a mulher que ficava sob os cuidados do SEMTA. Não tivesse receio. (Ele nem falava...) Ela seria tratada de qualquer maneira, da melhor maneira possível.

Parrião se sentiu sem forças. Quase que os joelhos se curvam...

Olhou para o passado, estimou aquele viajão danado de Juazeiro até a capital, pensou nos seus sonhos, no anel de brilhantes... mas pensou mais em Mariana, em Miguelzinho.

- Quer dizer que o menino nem a muié num vão, num é?

A voz do outro, forte e peremptória.

- Não senhor. É impossível.

- Pois entonce, moço, é impossível também eu ir pô Amazonas...

O homem disse que era tolice sua. A mulher ficava bem garantida. Ele estava fazendo tolice.

Zeca Parrião persistia. Não era tolice não. Lá na casa dele, era assim. Sempre fora assim. Pra onde ia, ia a mulher, ia o filho também. Ele mesmo não deixava Mariana, não.

- Quá, seu moço, eu gosto de Mariana. Minha muié é assim como a minha rede, que eu carrego embaixo do braço.

O homem encolheu os braços. Achava uma grande tolice, como já tinha repetido, mas respeitava a vontade dele. Não havia de ser nada.

- 99!

Na estrada empoeirada, eles três. Zeca Parrião, Mariana e Miguelzinho.

Aquela estrada empoeirada, sulcada por automóveis e caminhões, ia ter em Juazeiro do Norte.

Naquele talhado de terra



**T**rabalhava ali, naquele talhado de terra, onde o mato era forte e bravo, custo de ser vencido. Mas a enxada “jacaré” era manejada por uns braços fortes e sadios. E vinha a limpa, vinha o aceiro, depois a queimada com um bom inverno ajudando com as graças de Deus.

No meio do ano, o milho bonecava que era uma beleza. O feijão – êta feijão do diabo! fazia inveja a qualquer pessoa. Vivia feliz com seu talhado de mato, como seu roçado, seu filho e a enxada “Jacaré”. Por isso mesmo não precisava andar de boteco em boteco na Pavuna, nem trançando as pernas nas casas dos vizinhos.

Era esta a razão daquele povo infame de Pavuna não simpatizar com ele, pelo contrário, odiá-lo de todos os modos. Contudo, Vicente Maia não se alterava. Tinha calma. Tapava os ouvidos ao vozerio dos invejosos. Não podia fazer nada... Tinha aquele rebento de sua vida com os bracinhos estirados para frente como que lhe pedindo paciência e força de vontade.

– Só muita paciência!

Vinha voltando da feira trotando no “Turuna”, com a cabeça cheia de histórias, com o coração ardendo de tristeza.

– Só muita paciência...

Esqueceu os inimigos. Afastou-os de sua mente como quem afasta um galho de espinhos. Agora via filho aceitando para ele, perguntando se havia comprado rosca de goma na feira.

Apressou o passo do “Turuna”. Não sabe porque mas tinha que chegar logo em casa, avistar o talhado de terra, sua casa de sopapo, abraçar o filho. Foi aí que pensou numa mulher para cuidar do menino, para lhe cercar de carinhos.

Bateu no pescoço do “Turuna”, docemente.

– Turuna... meu amigo véio, eu preciso de casar...

O animal ergueu a cabeça com elegância e fez tinir os guizos da bride.

– Eu sei o que ocê tá pensando, “Turuna”... Na verdade, faz inté medo. Há tanta muié ruim...

Puxou o cigarro de palha e enrolou-o entre os dedos, demoradamente. Bateu o isqueiro de pedra e conseguiu acender o cigarro.

O céu ia cada vez mais bonito sobre sua cabeça.

O encontro foi mesmo na beira do poço.

Ela estava debruçada sobre a água procurando apanhar uma cuia de coité. Aí, ele apareceu, meio medroso, e deu bom dia. A moça ficou parada, absorta, e quando pôde falar disse apenas duas palavras sem nexo. Ele insistiu.

– Bom dia, moça...

– Bom dia...

Vicente sentiu vontade de ir logo ao assunto. De dizer toda a verdade. Que queria casar com ela, que não era tão desgraçado como diziam. Era, simplesmente, um homem infeliz.

– Eu... eu...

Fez um gesto com a mão.

A moça afastou-se dele, instintivamente.

– Por favor, seu Maia, não me faça mal... por favor...

Vicente Maia sorriu contrafeito. Pela primeira vez, ele sentiu friamente a presença daquele temor que se espalhava na Pavuna, pelos outros povoados, temor que era

bem um lenda que crescia e se avantajava em torno de sua pessoa.

Explicou. Disse que não era ruim, que era um bom sujeito. Um viúvo...

- Ou é que ocê num sabia que eu sou viúvo?

Sabia não. Balançou com a cabeça dizendo não. Por um momento teve um pouquinho de simpatia por ele, por aquele corpão forte, pela cabeça ereta e firme, por aquelas mãos cheias de calos, trabalhadas, bem trabalhadas. Mas o medo, o terror estavam também dentro dela...

- Não, eu num quero... Eu tenho medo do senhor...

Teve vontade de rir, de chorar, ao mesmo tempo. "Miséria!"

Ela levou a lata d'água à cabeça e disse que ia embora. Depois, sem mais prestar atenção, seguiu pelo caminho cheio de sol. Ele ficou parado, fixo na terra como uma árvore daninha. Viu seu vulto se perder na curva da vereda, pouco a pouco. Estimou aqueles quartos fortes, os seios livres, os cabelos sedosos, em desalinho por baixo da lata d'água.

Depois teve a impressão que acordava de um longo sono e viu que estava na beira do poço. Sentiu então vontade de se lançar dentro dele e dar fim á sua vida. Mas lembrou-se do filho.

Ergueu-se com dificuldade. Bateu com a mão no pescoço do "Turuna" e murmurou com tristeza.

- É isso mesmo, "Turuna", ninguém me quer...

Surzinho crescia da noite para o dia.

Já chegava a ajudar Vicente na limpa do mato, no estacamento da cerca, na feitura do aceiro. Em casa, preparava o feijão, o arroz e tomava conta criação. Foi quando Vicente notou que o filho carecia de estudos, de aprender na escola para não ficar também enterrado ali naquele ta-

lhado de terra como um ente de assombração. É bem verdade que já lhe ensinara as primeiras letras.

O bê-a-bá. O b com é...

Quase todos os dias, se repetia a cena. Chegava do mato dava água ao “Turuna” e trazia o filho para o terreiro. E os dois, unidos, estudavam a lição do dia.

Quando se retiravam para dormir, Vicente sentia falta da esposa. Sua casa era vazia, muito vazia. A finada se fora por causa do parto de Surzinho. Deixara como lembrança aquele menino que era o significado de sua vida.

Desde esse tempo... Ficara assim. Meio bilé. Meio fora do mundo. Queria que os outros respeitassem sua tristeza, mas, com pesar, agora sabia que todos falavam dele, como se ele fosse um assassino vulgar.

- B-a-bá, b com é... b-e-bé...

Via o problema do filho. O menino precisava passar para as mãos de uma professora. Na Pavuna havia uma escola do governo. Ele iria até lá matricular o filho. Não queria legar ao menino aquela semi-ignorância que ele tinha, nem tampouco as histórias que corriam acerca de sua vida.

- Surzinho...

Ruído lá dentro da casa.

- Amanhã nós vamo à escola. Ocê vai estudá mais os outro menino, viu?

Ele via assim, entendia o pai. Por isso mesmo estava rindo e dando cambalhotas no meio da casa.

Vicente Maia sorria como os pais sorriam para os filhos.

Os dias foram correndo.

Surzinho freqüentava a escola todos os dias. Mas apesar de receber indiretas dos maiores, nunca dissera nada ao pai. Apenas estranhava o tratamento dos outros,

as palavras dos próprios amigos quando se referiam ao seu pai. Seria que o pai dele, um homem tão bom, fosse mesmo uma criatura má?

Naquele dia, Surzinho dormiu pensando nisso, sem contudo atinar com a razão de certos comentários que deviam atormentar seu pai.

Vicente viu o filho parar de se remexer na tipóia, como que pegando no sono, e não conseguiu fechar os olhos. Ficou acordado, balanceando sua vida, somando suas tristezas. Há dias que vivia odiando o povo de Pavuna, um ódio que crescia dentro do seu coração, dia a dia. Aquilo não podia continuar daquele jeito! Criar fama de criminoso só porque...

“Saberiam mesmo que ele tinha morto alguém?”

Não deu resposta à sua própria pergunta.

Olhou mais uma vez para o filho adormecido e cerrou os olhos.

Pela estrada, o trote de dois cavalos ia quebrando o silêncio da noite. O mais alto dos dois ensinava o caminho. Dizia a todo instante que a hora era boa. Ele ia aceitar...

O mais baixo e gordo não montava bem e tinha os cabelos brancos esvoaçando ao sabor do vento que soprava de leste.

Quando chegaram ao talhado de mato pararam a alimária na porteira.

- É aqui... já passei várias vezes, coronel...

Coronel Danilo ponderou mais uma vez.

- Será que ele topa a proposta?

- Topa, tem que topa. Ele já está sujo pro resto da vida. Conheço essa família dos Maias. Quando não matam, roubam. Este mata.

Afastaram os paus da porteira. Guiaram os cavalos para o terreiro.

- Vicente! Ô Vicente!

O silêncio envolvia a casa.

- Vicente!!!!

Houve um rumor no interior da casa. Passos se ouviram e a voz que vinha procurando luz, parou do outro lado da porta.

- É de paz?

- De paz, responderam os dois homens.

O ferrolho correu e a porta se abriu deixando aparecer o vulto do sertanejo.

- Bósnoites...

Entabularam conversa. O delegado do destacamento era o mais alto. Tinha vindo com o coronel Danilo. É que as eleições estavam na porta e o dr. Andrade, o promotor de justiça, estava atravancando o bom andamento da campanha.

- Pois é... precisamos dá sumiço no homenzinho.

Vicente tomou um susto. Pediu desculpas. Mas ele não podia fazer isso. Não pedissem. Pelo amor de Deus.

O delegado tomou a palavra outra vez. Não adiantava fazer moitinhas. Ele já era criminoso. Sabiam de tudo.

Vicente mudou de cor. Depois, não podia mentir... Era mesmo verdade. O delegado sabia de tudo. Embora não procurasse entender, sabia também que o seu crime fora levado a efeito num ato de legítima defesa.

- De duas uma, ou você mata o homem ou nós...

Vicente não ouviu o que dizia o coronel. Estava olhando para o começo da sua vida. Vendo causa do crime que tirara um pouco de felicidade de sua vida. Um sujeito, não sabia bem quando foi, se atravessara na sua frente para lhe matar com ciúme de sua esposa. E ele, para não morrer... todo mundo viu... lá na Giráo, tinha apunhalado o outro, mortalmente. Agora...

O delegado ria. Fosse o que fosse, a vida dele esteava na mão da farda e do coronel.

Lembrou-se do filho. Relutou. Mas acedeu. Ouviu o plano. Ele teria que matar o promotor. Depois do crime, o delegado procuraria o criminoso e o nome dele não apareceria. E o caso estaria encerrado.

- Combinado?

Acordou. O filho desapareceu de sua mente.

- Combinado...

Novamente os dois cavaleiros avançando pela estrada silenciosa. Vicente Maia, na porta, se sente mais desamparado do que nunca.

Fecha a porta com estrondo. Avança para o quarto do filho. E fica parado contemplando o menino que dorme um sono de justo.

Prepara-se para o crime, lentamente. O coração está em frangalhos. Odeia o delegado, odeia o coronel Danilo. Mas sente que não pode fugir daquele compromisso. Tem que matar sob pena de ir parar na cadeia, por outro crime, e ver o seu filho sofrendo a dolorosa vergonha de olhá-lo nas grades de uma prisão.

O filho, na certa, com o crime, iria expulso da aula. Quem é que quer ter amizade com o filho de um criminoso?

Pensando assim, apanhou a faca vinda de Juazeiro do Norte. Montou o "Turuna" e rumou para a cidade. No caminho confiava suas mágoas ao animal de estimação. Se sentia constrangido em ir matar o promotor. Uma criatura que nunca lhe fizera mal... Era mesmo de doer o coração.

"Então pensavam que pobre também não tem coração?"

Ja tão cheio de pensamentos que se assustou quando chegou ao povoado. Amarrou o "Turuna" no barracão do açougue, para despistar as atenções, e foi andando para a casa do promotor. Àquela hora, o doutor estaria na porta, conversando com os correligionários...

– “... não tenha medo. Serão dois ou três...”

Sentou-se na ponta da calçada. Mas não viu nem dois, nem três. Não tinha ninguém ainda. “Melhor”. Enrolou um cigarro e levou-o aos lábios. Depois tirou fogo no isqueiro de pedra e ficou olhando o que se passava na calçada.

Não custou muito que aparecesse na porta da casa o promotor. Ele vinha lá de dentro trazendo uma cadeira de embalo. D. Elvira, sua esposa, já se sentara do lado de dentro pretextando o frio que estava fazendo. Depois apareceu uma criança de seus oito anos, sorridente e feliz.

Vicente sentiu um calafrio tomando conta de seu corpo. Lembrou-se do filho. Mas lutou consigo mesmo. Afastou a imagem do filho para longe. Mas ela ia e vinha. Ele não podia se separar dela.

Foi neste momento que a criança o avistou sentado na ponta da calçada.

– Papai, olhe, aquele é o pai do Surzinho!

– Ah... papai, o meu amiguinho que sempre vem me-rendar comigo...

Vicente saiu de um mundo para outro. Esteve na frente do abismo, mas agora sente que passou por cima dele. Perdeu a noção de tudo. Não ouvia senão frases dispersas.

– ... peça uma cadeira para ele... sim... peça também para o Surzinho vir passar uns dias com você...

Veio a cadeira. Não sabe bem se foi ele que se sentou. Mas se sentou. Ficou atrapalhado. Respondendo atoamente. Tinha a impressão que todo mundo estava vindo aquela faca de Juazeiro, aquela arma de criminoso tarado. O menino dizia o nome dele.

– Nandinho, eu sou o Nandinho. Diga a ele, viu?

Ele não via nada. Estava longe, muito longe. Sabia apenas que pulara o abismo. Por isso mesmo, escondia a arma, puxava a camisa para cima do cabo de marfim. Por fim, não pôde mais. Ergueu-se envergonhado, sentindo o



sangue fluir para as têmporas. Ficou mais trêmulo ainda. Deu boa noite, não sabe coo. Precisava chegar cedo em casa.

Foi andando. De longe via o menino mandando lembranças para o Surzinho...

Fizessem o que quisessem com ele, era impossível matar o pai do amigo de seu filho.

Ele só via o vulto do menino na porta do promotor. E agora, não era mais o filho do promotor que ele via. Era Surzinho, todo comovido, agradecendo a ele.

Pés de chumbo

**A**s nuvens andavam pesadas pelo ar. Carregadas d'água, prometendo chuvas. Um bom inverno, quem sabe?... E se não fossem elas, a conversa no terreiro ciscado, ligeiramente alumiado pela luz da lamparina que dançava no pavio e na parede sem reboco, a conversa naquela noite seria mais triste ainda. Até os vizinhos que também viviam sepultos em dores e que conversavam sempre nos desenhanos da vida, puxavam fumaças, fazendo gestos com as mãos, como se fossem com elas pudessem avivar um pouco o ardor, a combatividade que ainda não se fora de todo de seus corações.

Eram cinco ou seis os que conversavam. E só o ruído da velha máquina de costura enchia o ar quase chuvoso, tímido, eu garanto, que caía sobre o fim da rua.

Na janela, ele tinha os pés caídos, dependurados, como duas esquecidas. E os olhos, talvez, seguindo o pisca-pisca do Farol, os gestos também de D. Mariana ou até mesmo os próprios passos de sua dor que, num crescendo agoniado, brotava de seu coração. E a máquina zunia, pipocava. O vestido de etamine tomava posições esvoaçantes e ele, por minutos, teve vontade de conceber coisas engraçadas à custa dele. Mas as mãos de Pretinha, levemente amarelecidas, não deixaram. Aquelas mãos não tinham fantasias. Eram as mesmas mãos que lavavam a roupa, se gastando com sabão barato, com a cinza que limpava as panelas. Elas estavam ali dando um ponto qualquer, reto-

cando com palpitações de coração de mãe que tem filho para educar, para dar também de comer, com enxaquecas, lágrimas na alma, um vestido para a senhora do telegrafista da vila. Bastava pensar melhor para ver que não era um vestido que a mulher costurava. Ele representava – tinha certeza – o minguado dinheiro para a alimentação dos filhos. Por que? Bem, por que?

Lá está o demônio do vestido se movendo e ele com os pés e chumbo caídos. Ele, José Rival, casado com D. Pretinha da Silva, mãe de dois garotos. Que importa se João Sapateiro fala no inverno do próximo ano? Que importa se D. Miquelina diz que tudo vai melhorar, Deus querendo, Deus ajudando? Que importa tudo isso, se ele tem os pés de chumbo, os bolsos vazios, a cabeça oca, rodando à-toamente?

Besteira... Sente vontade de gritar. Romper com aquela máscara de alegria que todos estão usando, rasgar o vestido de etamine e dizer pra mulher que ela não precisa mais trabalhar, que ele é o homem da casa, e como tal, ainda tem forças pra ganhar o pão de cada dia...

Mas a lamparina vacila. Ele vacila também. A gente com os pés de chumbo, os bolsos vazios, a cabeça oca, é como a luz da lamparina. Do pavio pra parede, da parede pro pavio...

– Boas noites, seu Zeca!

– Boa noite...

A voz é de Miquelina. Vai segurando o braço do marido pra dizer que são felizes.

Ele também tem vontade de correr para os braços de sua Pretinha, afastar o demônio do vestido de etamine, segurar-lhe as mãos ligeiramente amareladas e fazer com elas um pouco de coisas boas.

– “Felicidade, fantasia...”

Olha pro Almanaque de Bristol pendurado no armador. O menino lá dentro, mais dentrão ainda da rede, deu

um gritinho de alegria. Na certa, está sonhando com um anjo que mora no céu. Mas, amanhã, quando abrir os olhos, vai ficar tiririca por se encontrar naquele fim de rua, finalíssimo fim de rua do Morro do Moinho.

- “Felicidade, fantasia...”

Pensamento tolo, tolão.

- Amanhã é Natal, gentes...

- Disque tem presépio na casa de D. Zuila.

- Bou ber, papai.

Outra vez, os vizinhos no terreiro ciscado, tirando novidades do mundo pau, do mundo chato, esquecendo os dias tão sem vida, se estirando para trás.

Antigamente todos eram felizes. Havia inverno, festança todos os sábados, alua com rapadura e muita chuva no alto sertão. Hoje, tudo mudou. O mundo criou pés de chumbo. E eles agora estão esfarrapados, cheirando à graxa, à fuligem, a lixo. No entanto, vão matando o tempo, procurando avivar o outro tempão bom que passou assim como saiu do armador o primeiro Almanaque de Bristol...

José Rival acha aquilo tudo uma cretinice. Todo mundo sabe que, ontem, D. Miquelina apanhou do marido e nem por isso deixa de ir pra casa, com ele, de braço, falando em coisas boas, em conversa de amor oculto. Mas só ele tem os pés de chumbo, ouvindo o chiar de baratas gigantes em seus cabelos crescidos, na barba, na barba por fazer. Só ele sabe o zumbido - zum-zum - que está em seus ouvidos. Por isso, as palavras de D. Miquelina não lhe pertencem. Ele é dos ruídos das baratas no cabelo e na barba crescida.

Bate com a mão na cabeça. Sente a necessidade de uma reza forte para afugentar as baratas que estão tomando conta de seu corpo. Agora, já não são baratas. São pequenos vestidos de etamine que farfalham como se fossem uma folha de papel escorrendo numa calçada.

- “Amanhã é Natal...”

Sim, amanhã é Natal. Aquela história de Natal está apertando o seu juízo, sua cabeça oca. Agora, Raimundinho veio tomar a bênção para ir dormir. A mão de José Rival ficou trêmula.

- Pra que tu vai levando estes tamancos, menino?

Olhar súplice da criança. Embaraço. Indecisão.

- Pro Papai Noé botar um presentim pra mim...

Ah! os tamanquinhos! Os tamanquinhos de Raimundinho e Mariozinho ficarão vazios como os seus próprios bolsos. No outro ia, ele não terão nenhum bodoque ao menos, unzinho bodoque em seus tamanquinhos, pra dizer aos outros meninos da rua que Papai Noel não se esquecera deles. Mas se os tamanquinhos ficarem vazios, Deus do Céu! Os filhos dirão como ele dissera certa vez:

- Eu nunca tive Papai Noel! Nunca, nunca! Vocês ouviram?

Todos ouviram, sim, D. Miquelina, que ainda está com o marido sem saber se vá ou se fique, tem as orelhas de pé, apurando uma possível manifestação de loucura.

- Ouviu o que, seu Zeca?

José Rival teve vontade de falar na mãe dela. (SUA MÃE!) Ma não pode responder. Seus pés eram mais chumbo ainda e estavam pesando, pesando tanto que doíam em seu coração, assim uma dor que entalava até a sua própria voz.

Deitado no quarto, entre as redes dos filhos, ele ouve ainda o pipocar da máquina infernal e idealiza os volteios do vestido de etamine, de etamine não, deve ser um outro de chita, ao capricho daquelas mãos levíssimas que podiam muito bem afastar para longe as baratas que estão tomando conta de seus cabelos, da barba crescida, por fazer.

Raimundinho, de joelhos, no fundo da tipóia, espia o rosto tristonho do pai. E acha que ele é um bocado tolo. Nem parece um homem de calças compridas. E como ele está chorando... Na certa, o pai chora porque não pode comprar brinquedo para ele e pro irmão. E lembra-se do que lhe dissera sua mãe: meu filho, não aperreia teu pai. O coitado anda desempregado, sem dinheiro. Você já é um homem. Tem 12 anos... Num precisa de brinquedo não...

Está sentindo vontade de falar ao pai, de afagar aquela testa ensopada de suor. Sente mais vontade ainda de saltar da rede, correndozinho e ir falar-lhe.

- Tolice, paizinho... Num se incomode não. Eu arranjo tudo...

José Rival se revira na cama de varas.

A máquina é um monstro triturando ossos. No escuro do quarto, entra a claridade que vem do pavio da lamparina. Mas José Rival não enxerga a luz que avança na escuridão. Divisa, a dois passos da cama, o rosto vermelho do patrão dizendo que ele se considere despedido... Que não pode continuar...

- É a guerra... a guerra...

O permaganato de potassa vem para seu lado.

POR QUE ELE NÃO FOGE DA VIDA? POR QUE?

Olha para as tipóias dos meninos. Parece até que Raimundinho está quase chorando, se abraçando com ele. E está mesmo, não é sonho, não.

- Papai, mamãe me disse... Olhe, eu num quero brinquedo não...

Sim, é a voz do menino, nervosa, fraca, explicando uma situação que lhe parecia embaraçosa.

- Maninho é mais menor do que eu, não é?

Depois de um silêncio, como se filho e pai se fundissem num só.

- Onte, ganhei dois cruzeiro pra levá o vestido de D. Eglantina. Dou o dinheiro pro senhô. O senhô compra um carrinho pro maninho, não é? Num é?

José Rival está entalado. As baratas estão mais próximas, se apossando de seus cabelos, de sua barba crescida. Acha que aquilo foi ensinado por Pretinha. Pretinha é uma boa mulher. Vai gritar, vai dizer qualquer coisa, vai dizer que é muito feliz, muito, muito, interromper o ruído da máquina e beijar as mãos amareladas. Mas não, prefere beijar o filho, suavemente. Um curumim cheirando a sujo, a menino levado à breca, a anjinho de cara suja...

Natal foi um dia lindo.

Quando acordou (nove horas, fazia um sol muito forte), Mariozinho olhou pros tamanquinhos sujos. Esfregou os olhos remelentos. (Que era aquilo que estava montado neles? Sim? Que era?) Um trenzinho!...

- Ei, papai, veja que pai Noé me deu!

Houve um corre-corre dentro de casa. Pretinha deixou o vestido de seda na máquina. Raimundo, o café quente. Zeza, o pedaço de pão seco.

- Um trenzinho, mamãe, um trenzinho, papai...

A criança não sabia o que fazer de tanta alegria. Pulava. Sorria. Empurrava pelo barro traçado do chão o insignificante brinquedo de dois cruzeiros, apenas.

- Pi... pi... pi... Sai da frente, sai do meio gente. Olhe, mamãe, o trem pega tu... o trem pega tu...

Raimundinho ria com satisfação. Pretinha sentia o coração mais cheio de alegria. E José Rival, com as mãos nos bolsos, já não os sentia vazios. Eles estavam cheios também de felicidade. E até parece que da janela caía uma coisa ao chão.

Eram os pés de chumbo.



A solteirona  
dos olhos tristes

**N**a sala da frente, os móveis estavam afastados para um lado e os convidados dançavam. No primeiro quarto, a orquestra tocava um suingue gritante e pelo interior da casa andava um zum-zum. Lucimar não achava graça em nada. Tinha comparecido à festa de casamento de Rosalinda, num cumprimento formal da etiqueta social. Nada mais. Até se sentia mal naquele ambiente, vendo os homens bebendo e as mulheres namoricando com falta de respeito.

Ela se encolhia em seu canto, apertando a medalha de Filha de Maria. Aquilo era um horror. Deus a perdoasse, a Virgem Maria desculpasse aquelas mocinhas namoradeiras. Era a vida fácil de um século vertiginoso onde todos só conheciam uma palavra: modernismo.

Rosalinda deixou o esposo conversando com os amigos e veio ter com a amiga. Que era isso? Tão triste? Não dançava?

Lucimar ergue a medalha, ergue mais ainda a barreira. Não pode dançar. A associação proíbe e ela não gosta de desrespeitar as ordens superiores. Está muito bem.

- Não se incomode, Luci... Vá se divertir, este é o se grande dia.

A outra ri. Foge. Vai em procura do marido. Lucimar se sente infimamente ridícula dentro de seus trinta e seis anos, gordona e fracassada na vida. Seus olhos são tristes e incertos. Não passa de uma solteirona...

A orquestra está tocando um outro suingue. O pistom faz furor. A bateria é um homem desarticulado, estalando os ossos num ruído inquietante. Lucimar pensa que aquilo é obra do demônio. Tem vontade de se benzer, de invocar um santo protetor com urgência.

Ernestina passa abraçada com o noivo, rodopiando. Parece dizer para o rapaz que a parte com segundas intenções.

– “Vê aquela moça? É a Luci... uma infeliz solteirona...

Lucimar baixa a vista. Segura a medalha para poder criar forças, mas sente que é dentro da vida uma mulher sem homem, uma solteirona de olhos tristes...

D. Maroquinha veio trazer um cálice de licor.

Lucimar ficou indecisa. Seria pecado aceitá-lo?

A mão de D. Maroquinha continuava estendida, oferecendo, oferecendo... Não teve dúvidas. Aceitou. Sua mão tremia e seu coração ainda tremia mais. D. Maroquinha saiu com a bandejinha na mão, oferecendo, oferecendo.

Lucimar sabia que D. Maroquinha não fazia isso apenas por gentileza. Ela tinha a febre de falar da vida dos outros. Depois, as histórias surgiam.

– “Por que ela aceitou aquele cálice de licor? Por que?”

Tem vontade de abandonar a festa, de ir para a casa. Mas um medo estranho lhe invade a alma. Não, não pode sair. Se sair, todo mundo rirá de seu corpão, de suas banhas, de seu rosto envelhecido... Solteirona. Tem que ficar. Não pode sair.

– Vamos dançar, senhorita?

– Eu... eu...

– É... eu entendo. É casa. Me perdoe.

O rapaz se retira. Lucimar se precipita em outra prostração.

Quando chegou em casa foi direto ao espelho. Não queria acreditar que aquele rosto meio enrugado, a despeito dos tratamentos de beleza, fosse seu. Mas era, sim, era o rosto dela que estava dentro do espelho, cheio de rugas.

Sentou-se na primeira cadeira que encontrou. Aquilo não podia continuar. Precisava se divertir, esquecer este complexo de ser uma vitalina. Ia arranjar um namoro qualquer, fazer um escândalo. Não ficaria mais abatida, chorando em casa e sofrendo no tratamento de beleza. Seu corpo...

Levanta-se e procura descobrir seu corpo dentro da lâmina de cristal. Sim, lá está ele. Gordo, farto, enchendo o vestido, estufando o decote...

Sente vontade de chorar. Se lembra que teve pretendentes na vida. Um rapaz louro e forte certa vez lhe propôs casamento. Mas apareceu tia Francisca e disse que o casamento não podia ser. “Ela era digna de um melhor casamento. Pra que se juntar aí com qualquer pessoa sem eira nem beira? Isso não. Não casava”. E o casamento se desfez. Depois apareceu um novo pretendente. Desta vez um promotor de justiça do interior. Um bom rapaz. Já trintão. Tia Francisca apareceu para impedir. “Ora que barbaridade! Casar uma menina com um velho! Não, não podia ser!” Nada feito.

Lucimar olha seu corpo. Balofa e obeso. Cheio de gordura. Repleto de decepções. Antigamente ela ainda tinha fé em seus seios. Em suas pernas grossas e bem feitas. Mas agora sente que o colo já não tem mais encantos e que as pernas engrossaram demais. E tia Francisca? Assim como a beleza dela desapareceu, tia Francisca morreu. Deixou-a só no mundo, com uma pequena renda.

Senta-se na cadeira outra vez. Olha para a cama. Quantas vezes não desejou um homem ao seu lado...

Quantas vezes... Podia ser pecado, podia ser uma profanação à medalha que trazia no peito, mas a verdade é que sentia falta de um homem... Olha para a fotografia de um artista qualquer seminu pendurada num ângulo da sala.

Um suspiro longo e profundo estremece seu corpo.

Madame Suzana tinha vida da Europa. Entendia de astrologia. Era quiromante e clarividente. Manejava também com o globo mágico.

Quando Lucimar empurrou a porta, madame Suzana estava debruçada sobre o estranho globo mágico. A mulher, que a introduzira na sala, fê-la sentar-se um pouco.

- Um instante... Madame está em êxtase...

Retirou-se. Lucimar viu que estava só e teve medo. Quis se erguer da cadeira mas não encontrou forças suficientes para tal. Ia gritar quando a madame se voltou para ela.

- Boa noite...

Entraram em conversa. Lucimar foi ao assunto que a levava ali. Queria saber se havia algum casamento em sua vida. Se seria feliz.

Madame Suzana criou um silêncio proposital dentro da sala. Depois virou-se para o globo e começou a puxar aquela história de um moço alto e forte, bonito, que estava no caminho de Lucimar... Sim, um moço bonito espera apenas um olhar dela. Um sinal de correspondência. Trata-se de um bacharel...

- "Será o Alfredo?"

- ... um bacharel de certa idade mas de bom coração. Fará a felicidade de qualquer mulher...

Madame Suzana viu uma igreja dentro do globo. Pediu que ela olhasse também. Agora não era apenas um igreja. Dois noivos ajoelhados diante de um altar. Era casamento, sim, um casamento.

- "Será o Alfredo?"

Despediu-se da madame. Deixou uma nota de cinquenta cruzeiros dentro de um envelope azul. Ganhou a rua. Longe da casa da clarividente colocou a medalha outra vez no pescoço. E pediu perdão. Que a Virgem Maria perdoasse o seu erro, o seu grande erro.

Seus olhos tristes brilhavam mais uma vez na vida.

Mas os anos foram correndo. A figura de mulher que aparecia dentro do espelho era mais velha e mais acabada. Não adiantavam os cosméticos, nem as massagens elétricas. Alfredo não aparecia. E seu corpo pedia a presença de um homem. Queria alguém junto de si, no aconchego dos cobertores. Queria amor, sexo.

Madame Suzana fora mais uma mentira de sua vida.

Ela vinha andando lá de dentro quando ouviu alguém tocar a campa da porta. Correu. “Seria Alfredo?” Não, não era Alfredo, era o carteiro.

– Bom dia, D. Luci...

Aquele “dona” a deixou mais acabrunhada.

– Dia...

Recebeu o envelope e fechou a porta. “Que seria? Alguma declaração de amor? Alguma carta de corrente?” Foi olhando, foi lendo. Não, não era nada disso. Tratava-se de uma participação de casamento. Maria Júlia se casava... “Maria Júlia?” Ah! Já se lembra. Foi uma colega da Escola Normal. Estudaram juntas.

– Maria Júlia...

Fora uma menina endiabrada. Namoradeira e espevitada. Na aula não havia quem a suportasse. Enfim arranhou um casamento. Que vida engraçada. Ela que tinha sempre sido uma menina exemplar, uma moça de comportamento virtuoso, não achara um marido. Maria Júlia encontrara um...

- “Quem será o marido?”

Acaba de ler a participação. “Quem será o marido?”

Pronto, achou o nome. “Alfredo Sampaio da Cunha...

Sente a cabeça rodar. Se lembra da cartomante, da madame Suzana do globo mágico...

... “um bacharel de certa idade...”

É ele mesmo. Alfredo. Fica possessa. Lança-se em cima da cama, num choro convulso, desesperador. Agora, foram as suas últimas esperanças. Não terá nunca mais um homem ao seu lado, naquela cama ou em outra qualquer. Passa as mãos sobre as coxas numa provocação dolorosa, avalia suas carnes e depois, num ataque súbito, principia a se rasgar, a gritar, a dizer nomes.

A medalha rolou da cama e ficou sobre seus chinelos.

Mas os gritos continuaram dentro do quarto cor-de-rosa.

Quando voltou a si, sentiu que tinha pecado horriavelmente. Apanhou a medalha com as mãos trêmulas, o coração aniquilado, os olhos mortos e sem brilhos. Via, agora, claramente, que tinha outro caminho a seguir. Perdera todas as oportunidades de sua vida. Era seguir, sem falar, o seu destino de vitalina.

Refugiou-se na igreja. Entrava toda contrita, de cabeça baixa se ajoelhava diante das imagens. Rezava uma reza contrita e doçurosa. Não falava com ninguém. Olhava apenas os seus seios. Apertava, apertava... Queria afugentar para bem longe aqueles seus desejos de lassidão. Mas não pôde conseguir. E um dia não mais voltou à igreja. Cerrou as portas de sua casa. Fugiu do mundo.

Apaixonara-se por São Francisco de Assis.

O caminho  
dos que sofrem



**N**ão, não podia ser.

Ele viu escrito na parede, viu escrito no cavalo que passou correndo. Não, não podia ser! Sua mãe não iria cometer uma asneira dessa. Casar outra vez, depois de tanto tempo. Era um verdadeiro absurdo. Então, que conceito fazia ela de amor, de amizade? Não é a morte que pode separar duas pessoas que se querem!... Perdia a confiança no casamento. Perdia mesmo. Casamento pra ele era uma coisa séria. E isso não podia ser. Não, não!...

O trem que apitou no corte e depois passou correndo pelos trilhos de ferro, dizia também não. Sim, todo mundo ia dizer não. Não havia necessidade para um casamento, agora. Ele era o filho mais velho. Tinha 18 anos. Juquinha estudava na capital às custas da renda dos dois sítios. Para que então outro homem dentro de casa? Outro sujeito apagando recordações suaves?...

No trabalho, não sabe nem o que fez. Muitas vezes, o capataz meio apreensivo lhe perguntava:

- Que houve, seu Totonho? Algum caso de moça?

Não, não era caso de moça, não. Era um caso muito mais sério. Virava-se para o capataz e sorria. Sorria para não chorar, para não dizer ao bom homem que sua mãe, depois dos quarenta anos e viúva, se agradara de um certo sujeito. Um verdadeiro horror.

Vai andando para casa. Sente que é um caso perdido. Sua mãe deve ter perdido o juízo. “E então será que ela não mais se lembra de seu pai?” Sente que vai sofrer muito. Vai mesmo. Agora, desde o momento que soube da notícia, ficou pensando um outro juízo sobre seu pai. “O pai dele não prestava... não prestava... Porque, se prestasse, sua mãe não iria se casar com outro homem!”

Vai andando. Não viu Rosinha na janela, falando pra ele. Viu apenas que não podia ser, que não podia, não e não, na parede, na janela, no diabo.

O jantar foi servido em silêncio.

D. Carmem sabia bem porque o filho não falava. Certamente, já soubera de suas intenções. Por isso mesmo, estava ali todo trombudo, todo metido em si, mastigando vagorosamente como se o feijão ou o arroz tivesse um veneno qualquer.

Antônio se sentia só. Sabia que sua palavra de nada adiantava. Enfim, era tido em casa como uma criança. Um rapazinho. Sua mãe não iria ouvir suas palavras. Mas ele precisava falar, dizer qualquer coisa. Sm, não podia ser.

Ergueu-se da cadeira. D. Carmen olhou o filho com ternura.

– Que é isso, Totonho? Ora, que tolice... Eu preciso me casar.

Sim, ela precisava se casar. Isso significava uma coisa absurda que ele não queria compreender. Sua mãe estava precisando de um homem, de um... Não, não vai pensar isso. Não vai dizer. Prefere ficar calado. Aceitar o casamento assim como está aceitando aquele feijão, aquele arroz que tem um gosto miserável.

– Está certo, mamãe. Não discutamos mais este assunto.

Calou-se. A chaleira ferveu na cozinha. O café veio depois mais quente do que nunca. Ele sorveu algumas gotas. Teve necessidade de um cigarro. Fumou. Fumou... Depois ficou olhando a fumaça do cigarro se jogando para o ar, indecisa, tão indecisa como as coisas que se preparavam para chegar em sua vida.

D. Carmen não disse mais nada. Também não precisava falar. O casamento já havia sido marcado. Os banhos estavam correndo. Seu Venâncio ia entrar na vida daquelas quatro paredes...

A princípio Totonho odiou sua mãe. Aquilo não era papel. Mas depois, quando os dias foram correndo e ele principiou a conhecer seu Venâncio, teve pena dela. Sua mãe fora enganada por aquele sujeito. Mas, não falou. Conservou-se calado.

Venâncio não falava com ele. Dentro de casa ele não existia para nada. E não precisava um olhar da mãe para que tudo ficasse entendido. Venâncio bebia, chegava embriagado, fora de si. Por isso, devia ir desculpando certas tolices.

À noite, de seu quarto, Totonho ouvia soluços. Carmen chorava. Venâncio ainda não chegara certamente. Quando o relógio da matriz batia meia noite, marido entrava em casa. O cheiro da bebida ficava no corredor, empestava a casa toda. Aí Totonho ouvia distintamente sua mãe dizer:

- Venâncio, isto não é hora. Você me mata de vergonha!...

Venâncio não falava. Se limitava a andar em passos incertos dentro de casa, a procura não se sabe de que. Carmen continuava chorando. E quase sempre... sim, quase sempre, acontecia aquela cena.

- É mulher, porque é que você tá chorando? Morreu alguém? Ora, bolas! Bebo porque quero! Bebo com o meu dinheiro!

E vomitava. Depois dos vômitos vinha a calma. O silêncio, um silêncio mortal tomava conta da casa. Totonho, no entanto, não dormia. Sabia que lá no outro quarto sua mãe chorava, continuava chorando, derramando lágrimas sentidas.

Os dias correram. Os meses foram se passando.

O primeiro sinal da gravidez foi aquele casaco comprido cobrindo a proeminência do estômago. Mas não foi só isso que esclareceu a situação. Carmen se transformou do dia para noite. Ficou mais alegre, mais comunicativa. Já não se importava com a entrada de Venâncio, fora de hora. Ela sabia, acreditava acima de todas as coisas que tudo ia acabar. Com a criança, o marido trilharia um novo caminho. Seriam então felizes, bem felizes...

Lembrava-se a todo momento do filho. Totonho não se sentirá mais tão triste, tão só. Certamente, via ficar satisfeito com um novo irmãozinho. E ela...

Anda pela casa cantarolando, espanando móveis. Já pediu avizinha e ela vai arranjar uma mulherzinha para a cozinha. Sim, era preciso. Quando a barriga crescesse mais um pouco, não poderia fazer certos serviços. Necessitava de uma empregada.

Venâncio não fez objeção. Que chamassem a mulherzinha. Que viesse uma empregada. Para ele, de qualquer maneira, tudo ia bem. Podendo tomar seus porres no botequim do seu Quincas, a vida teria o mesmo encanto. Não, não se importava. Era até melhor.

Totonho, no entanto, não acreditava naquilo. Achava que Venâncio não se endireitava.

- Pau que nasce torto até a cinza é torta...

Essa é que era a verdade. Venâncio seria o mesmo. Podiam nascer dez, vinte meninos. Aquele homem tinha um coração de pedra.

Mas mesmo assim tinha um pouquinho de fé. Podia ser. O que ele não podia pensar era na continuação daquela via. Todas as noites a mesma cena: dez horas, a porta encostada, batendo com a força do vento. Meia noite. Venâncio chegando empestando tudo com o bafio da bebida. Uma hora, vômitos no corredor, na cozinha. Soluços de mulher dentro do quarto. E um silêncio de tragédias anônimas, de alcova, tomando conta da noite.

- Porcaria! Passo errado, sim!

Naquela noite... era uma noite de maio, com novenas na igrejinha e quermesses na avenida, com banda de música e partidos... Sua mãe começou a sofrer. Venâncio ficara sentado no corredor com a garrafa de cachaça ao lado. De momento a momento, bebia um trago. Procurava se desculpar.

- É, a gente tem que beber... Eu sou um homem sem coragem...

Totonho não falava. Estava prevendo qualquer coisa de grave. Antes da parteira entrar para o quarto, estivera com sua mãe. Ela parecia sofrer muito, pois tinha as feições contraídas num ríctus de agonia. Mas mesmo assim rira pra ele numa confissão muda como se dissesse:

- Até que enfim, meu filho... Até que enfim...

Saíra do quarto e ficara ali, como um viajante sem abrigo, pensando em coisas absurdas. Às vezes, sentia uma vontade louca de avançar de encontro a Venâncio e estrangulá-lo. Não podia suportar aquela garrafa de cachaça, nem aquele rosto de embriagado. "Então, o bandido nem num momento assim deixava de beber?..."

- Miserável!

Venâncio levantou a vista.

- Que foi? Eim?

Totonho não respondeu. Preferiu silenciar. Estava com vontade de dizer muita coisa, muita mesmo. Mas sabia

que não adiantava. A cinza de Venâncio devia ser torta. Não havia jeito, não.

Venâncio estirou a mão trêmula para a garrafa. Nem mais um pingo. Jogou-a de lado com se ela não prestasse. E voltou a fumar o seu charuto “perna-de-Judas”, fedorento e enjoativo.

Um gemido forte, lancinante, partiu do quarto.

Totonho levantou-se da cadeira como que movido por mola. O padraço não ligou. Teve vontade de rir do menino... do rapazinho. “Inexperiente”... E lamentou a cachaça ter se acabado.

Outro gemido mais forte veio lá de dentro. Parecia que alguém estava rolando para um abismo, para um desastre certo. Ficou trêmulo, assim tão trêmulo como a mão de Venâncio.

A porta do quarto se abriu. O rosto vermelho da assistente apareceu:

– Seu Venâncio venha cá, por favor...

Tremia também, suas palavras tremiam como Totonho, como a mão de Venâncio.

O que aconteceu daí em diante. Totonho não soube. Perdeu os sentidos das coisas. Ficou abobalhado, sentado na cadeira como se fosse um pedaço de chumbo aquecido.

Quando despertou, ouviu falas em sua volta. Havia homens e mulheres conversando. E principiou a entender...

– “Uma tragédia... um parto horrível... Cesariana...”

Passou a mão pelos olhos cansados que continuavam vazando lágrimas. O vigário estava ao seu lado, dizendo palavras que ele não compreendia direito. Do quarto – isto sim, ele ouviu – vinha o choro de uma criança recém-nascida. Mas o resto era estranho, profundamente estranho. Parecia que estava vivendo noutro mundo, mundo estranho e misterioso. Apenas o choro do quarto e a

batina do padre se avivaram dentro de seu cérebro. Na sua frente já não existia a garrafa de cachaça vazia. Venâncio não estava ali com a mão trêmula procurando mais bebida. Nem tampouco sentia a presença da parteira.

Passos silenciosos, abafados, cruzavam perto de si. E agora, ele viu alguém falar em remédio. Num médico que não chegou a tempo, numa tragédia... numa tragédia... Que teria acontecido?

- “Que teria acontecido?”

Deve ter gritado porque o promotor veio para perto dele. Foi quando principiou a ver. Viu o padre, ouvia o choro do menino e o promotor.

- Tenha calma, confiança em Deus, meu filho.

Era a voz do sacerdote.

- Nós estamos sujeitos a estas coisas... São coisas da vida...

Falava o promotor. Ele conhecia muito o promotor. Fora sempre um bom amigo da família. Procurou enxergar, divisar mais pessoas, mais coisas...

A garrafa de cachaça desaparecera. Venâncio estava na porta. Agora, sim, agora ele ia vendo melhor. No meio da sala havia um caixão preto... Não era um caixão de bebida, era um caixão preto pra gente que morreu. Sentiu então a presença de toda a tragédia. Não foi preciso que o padre lhe dissesse o que se passara, com novas palavras de consolo. Estava tudo escrito na sala triste, no caixão imóvel, no lenço encardido cobrindo o rosto do cadáver.

Aí rebentou num choro alto, profundo. Venâncio encolheu-se mais ainda perto da porta. E Totonho via agora, claramente, que sua mãe conseguira o caminho dos que sofrem, dos que se sacrificam e que padecem com resignação. Venâncio estava perdido, sem caminho. Ia acabar seus dias no copo de cachaça.

Agora, ele estava mais calmo, via que houvera uma injustiça. Sua mãe não devia ter morrido. Sua mãe não devia estar ali dentro do caixão, cercada de velas e de olhares tristes. Mas depois teve vontade de rir. E de repente, apunhalou a tristeza da sala com uma gargalhada alegre e feliz.

É que ele vira sua mãe se erguer do caixão e caminhar para os céus com um sorriso de confiança.



# A última viagem

**M**alaquias não veio ao mundo para mandar. Nasceu para conduzir, primeiro, um trem de carga, depois um trem de passageiros, rodando seiscentos quilômetros de João Felipe a Crato. Foi passando assim por todas as etapas de sua carreira. Maquinista de terceira, de segunda, de primeira...

Nunca lhe passara pela cabeça que bem poderia ter nascido um homem rico, cheio de pose e importante. Também nunca procurou juntar dinheiro, isso porque sua fortuna eram a máquina, sua esposa e os meninos. E para falar a verdade, sua vida se resumia na direção daquela velha locomotiva alemã, na mulher que não enchia apenas a sua casa com dois garotos, mas que também transbordava em sua vida vazando prazeres.

Ele, em toda sua humildade, se julgava um homem feliz. Por isso gostava de sonhar, sonhar com uma vida de herói, de gente de romance de ABC. Já contava em sua carreira com dois grandes feitos. Por exemplo, foi Malaquias quem desceu com os jagunços, no tempo do padre Cícero, foi ele que trouxe certa vez para a Central, no tempo em que ele era da Central, o presidente da República. Mas isso não valia nada, porque Malaquias era o homem das velocidades, das corridas espetaculares...

Abria o regulador da máquina e do alto da cabine, olhando os trilhos, tinha a impressão que não eram os trilhos de ferro que ele olhava... Não, Malaquias enxergava

o caminho maravilhoso, um caminho que o levaria ao país dos “ternos” e dos “ABCS”...

E a locomotiva chichiando, num corre-corre sem parar, vencia pontilhões, ganhava distância, apitava nas curvas, deixando a meninada de boca aberta, em gestos indecentes, mas de uma indecência inocente...

Malaquias vivia assim, fora do mundo. E às vezes se esquecia que ia puxando um trem de passageiros. E quando a composição freiava na estação, com os meninos gritadores vendendo banana-seca à volta, o chefe-de-trem vinha passar uma reclamação.

– Que é isso, seu Malaquias?! O senhor parece que vai pegando parelha... O povo da primeira está reclamando.

Malaquias ficava sem palavras. Não sabia mesmo o que dizer.

Vinha o toque da sineta, o papelzinho da licença. Novamente, a locomotiva correndo, zun-zunindo. E aqueles trilhos, outra vez, em sua frente, anunciando viagens maravilhosas. Malaquias sentia que dentro do seu corpo se travava uma luta tremenda. É que ele já estava com vontade de entrar outra vez por aquele caminho do sonho, dos “ternos” e dos ABCS. Malaquias sentia necessidade de ser mais famoso ainda. Não lhe bastavam os méritos de ter descido com a jagunçada, de ter andado com o presidente da República. Malaquias tinha que ser o orgulho da meninada, do povo grande. O maquinista de carreira certa, do horário na frente, sempre na frente, adiantado.

Não sabe o que fazer. A mão está presa ao regulador. Os postes que ladeiam a estrada de ferro vão passando mais rápidos. (Deveria seguir pelo caminho do sonho?)

Devia, sim. Vai seguir sozinho. Ele e sua locomotiva.

Mas se lembra. E Mariquita, que é tão boa pra ele, tão carinhosa? E os meninos? Ficarão para trás?

Indiferente a tudo, a locomotiva em desfilada, chiando nos trilhos, trepidando nos dormentes. Mas Malaquias está longe. Ele, agora, querendo ou não querendo o chefe do trem, está em casa, na sua casinha humilde, com Mariquita e os filhos...

Dentro da locomotiva existe apenas o velocímetro.

– Mariquita, abre a porta!

Passos no interior.

– Malaquias! Você de volta? Os meninos já estão dormindo.

Entram os dois. Os retratos dos parentes, velhas fotografias emolduradas na parede parecem sorrir.

O quepe da estrada de ferro foi jogado a um canto. A túnica ficou dependurada no cabide. Mariquita naquele corre-corre, sorri satisfeita porque sente que Malaquias está como quer. Peito nu, braços reluzentos, rosto tisonado, mas cheio de alegria, por se encontrar em casa. Por dentro dele se fala: “Quero ver se o chefe vai dar palpite em minha casa... Quero só ver... O povo da primeira tá reclamando... Que reclame! Reclamando é umas bolachas velhas...”

Mariquita espia pro marido. “Tu tá sentindo alguma coisa?”

Malaquias se aproxima da esposa, toma-a nos braços e vão pelo corredor aos beijos. Mas de repente, Malaquias se lembra que é um herói. Os heróis não beijam assim com facilidade, não fazem coisas comuns. Ele é mais do que um herói. Carregou a jagunçada do Juazeiro do Padre Cícero... andou com o presidente da República...

– Tem modos, Mariquita. Tu acorda os meninos...

A esposa ri. Ri mesmo de verdade.

Uma voz se alteia de dentro do quarto.

– “O pai já chegou, mãe?”

– Já, filhinho. Mas, durma, viu?

De repente, na chapa do fogão alguma coisa queimou. Ficou no ar um cheirinho de coisa chamuscada.

– Que é isso, Mariquita? Tem coisa queimando...

Mariquita se lembra e ri. Um riso que nem ela mesmo sabe explicar, se de tristeza ou de alegria. Enlaça o marido e vão os dois – Malaquias um pouco constrangido – aos pulos, para a cozinha. Em cima da chapa duas tapioquinhas de coco, passadas na manteiga.

– Taí, eram pra você...

E o beicinho ficou fazendo um gesto qualquer, apontando talvez para a chapa do fogão.

O velocímetro foi deixando de existir...

Na entrada do corte, Malaquias despertou para a realidade. Saiu de seus sonhos, deixou de sua casa, as tapioquinhas queimadas. Não viu mais o rosto de Mariquita, nem ouviu mais a voz dos filhos. Passou a mão pela testa e trocou duas palavras com o foguista e regulou a velocidade da máquina alemã. Agora, ele viajava por outros trilhos, pelos trilhos da estrada de ferro.

O foguista olhava Malaquias e não o compreendia. E na primeira parada, confiou a um amigo:

– Sabe? O mestre Malaquias está caducando...

– Que? Caducando? Nada... isso é coisa de quem trabalha muito...

– Não aquilo mesmo não é cansaço não...

O sino da estação encheu o ar com duas badaladas fortes.

Malaquias fez um sinal para o foguista. E estendeu a mão para a alavanca de freio. “Juazeiro... Jagunços... Presidente da República...”

– Mãe, adonde o pai foi?

D. Mariquita metida em suas chitas, com o seu ventre farto, alisa a cabeça do filho.

- Tá viajando, nenê...
- E cundaé que ele vem, mãe?
- Não demora não, nenê...
- Vem amanhã?
- Vem, tem que vir...

Deixa a menina na calçada. Vai para o interior da casa como pretexto de fazer alguma coisa, de varrer a cozinha, de lavar o corredor.

Os dois meninos ficam sentadinhos à porta. D. Mariquita em pensamento, está na calçada com as crianças, está dentro de casa, está na locomotiva de seu Malaquias. Por onde se vira, surpreende máquinas virando, meninas gritando, correrias, sirenes. Tem vontade de gritar. Já se sente farta de tudo. Se pudesse, o marido deixaria a estrada de ferro. Vida miserável!

Estava escrito que tudo aquilo ia acontecer. Malaquias vinha puxando a máquina com regular velocidade. Ela viajando pelos trilhos e ele caminhando pela estrada da felicidade. De repente, na entrada do desvio, não sabe como aconteceu aquilo. Teve a impressão que havia homens gritando pra ele, que os jagunços estavam todos ali, em cima da máquina, falando coisas do padre Cícero. Que o presidente da República o cumprimentava com alegria. E não sabe porque o foguista tinha um ar de pavor, procurando alcançar o regulador da máquina. Daí pra frente, foi um ruído tremendo. Um cheio de água em fogo derramando, de ferros em choque, de vozes angustiadas.

Malaquias viajava, agora, pelo caminho da felicidade, com seus jagunços, com o presidente da República...

Na casa de Malaquias, os meninos esperando por ele, a mulher se ajeitando ao espelho.

- Mãe, que hora o papai vem?

- Já deve vir, nenê... Num ouviram o apito, não?  
Ninguém ouviu o apito do trem. Nem os meninos.  
Nem ela tampouco. Mas todos acham que o trem apitou e já chegou.

Na calçada, há uma pisada forte. Será de Malaquias? Correm todos. Mas não é ele, é um empregado da estrada de ferro.

- D. Mariquita...

(Meu Deus, que irá ele dizer? Que voz cavernosa...)

D. Mariquita sente que o nome dela quis dizer outra coisa.

- Dona... o trem... sim... desastre... morreu...

Ela não quis saber mais de nada. Ficou parada. Absorta. Com os olhos vidrados. Virou as costas e caminhou para a cozinha.

Na calçada os meninos perguntavam se havia acontecido alguma coisa.

Lá dentro, frente às tapiquinhas de coco, Mariquita disparou num choro profundo.

E no ar enlgrimado da cozinha, as tapiquinhas chiavam no fogo, se queimando, queimando, queimando...

Seis pedaços de pau



**S**eis anos de ausência...

Naquele dia, Rogaciano voltou cedo para a terra. Fazia seis anos que eles estavam separados. Seis anos de confiança e amor entre cartas mal traçadas, mas sinceras. E ele, por isso mesmo, viera cedo. O mar estava forte e encapelado. Os outros jangadeiros ficaram na risca, rindo dele, da bobagem de um rapaz que ama com todas as forças do coração.

– Menino, ninguém deve andar atrás de mulher. Tem calma. Mulher não gosta disso.

Ora que tolice do seu Machado! As mulheres gostam de agrados, de beijos, de abraços. Ele não se enganava. Por essa razão, a sua amizade por Natalina não se extinguiu com o tempo. Esse negócio de amor de palavras, silencioso, não resolvia. Nascido numa terra de gente perdida, aprendera a tratar as mocinhas, depois as mulheres, com safadeza. O amor para ele significava aquilo. Um aperto forte, as escondidas, suspiros e desfalecimento. Pensando assim, amara Natalina. Com ela conhecera os melhores momentos de sua vida.

Vai andando. Vai tendo saudades daquele tempo...

Moravam na mesma rua, em Camocim. Desde cedo, ficara com aquele pendor para o mar. Sua mania era pescar, vadiar na beira da praia. Natalina gostava também do mar. E foi assim que dessa mania que nasceu a amizade.

Ficaram se gostando. Iam às festas da redondeza e quando não tinham para onde ir, se ficavam na porta da palhoça falando do mar, do mar que era também apaixonado e impressionante.

Um dia, ele teve um convite. Mestre Jerônimo da Colônia Z-1 lhe mandava chamar com urgência. Queria um rapaz moço junto dele, auxiliando-o. O pobre homem já se mostrava cansado e prestes a deixar a vida do mar.

Rogaciano se despediu de Natalina. Foi uma noite de beijos e abraços, abraços fortes que pareciam querer esmagar os seus seios livres e rebeldes. Houve choro por parte de D. Mariinha, que não se conformava com a partida do filho. E Rogaciano partiu num dia chuvoso, no iate do dr. Andrade. Veio assim embarcado como uma mercadoria qualquer. Jogado a um canto, olhando o mar que parecia tragar a qualquer momento o pequeno barco.

Natalina não ficara na praia chorando, dizendo que ele não devia ir. Ia ali dentro de seu coração pulsando com ele, chorando com ele.

E a espuma que o barco ia fazendo não era espuma. Era saudade.

Precisa preparar tudo. Convidar os amigos para a festança da noite. Não esquecia ninguém. Mandava chamar o Noquinho, o pescador da barra, Ernestina, Maria Lúcia, todo mundo. A cachaça já chegava. Fora trazida de Acarape por um parente de mestre Jerônimo, um amigo também da Colônia. Tudo isso indicava o êxito da festança. Até Rosinha vinha também. Ele não a esquecerá, mesmo porque queria que ela visse a menina de seus olhos. Natalina ia fazer furor. Com seu riso simples, seu corpo farto, seus quartos largos.

Tia Vicença está fazendo alua. Peixe não faltava. Cangulo e cavala. Tira-gosto de piabinhas fritas.

O dia é santificado para ele. Não volta ao mar. Vai ficar na terra. O mar pertence aos outros, àqueles que já amaram, àqueles que agora estão fazendo vida ou esperando a presença de uma mulher que ainda não apareceu.

O vento que vem do mar sopra os coqueiros com força. A areia da praia se levanta como um véu das histórias de Trancoso.

Seis horas da tarde.

A capelinha do Mucuripe já repicou o sino.

Rogaciano se prepara. Se mete na sua melhor roupa. D. Vicença se sente sem palavras. Tem pena de Rogaciano. Precisa lhe contar a verdade. Aquilo vai ser duro, muito duro mesmo. Natalina não pôde vir, não virá. Natalina já pertence a outro homem. A história é triste e vai abrir uma ferida no coração de Rogaciano.

A pobre mulher continua sem palavras. A verdade é que ela também não sabia. Foi o seu Martins que contou tudo. Natalina se casara com um parente dele, moço metido a rico, que tinha uns currais e pescas em Camocim. Era duro, mas era a realidade. Se engraçara por outro. Porque não mandara dizer o que acontecera, é um segredo... Sua última carta para Rogaciano dizia que continuava esperando por ele. Mas no dizer de seu Martins, ela já estava casada por esse tempo.

D. Vicença precisa contar a verdade. Quanto mais cedo, melhor. A decepção será menor. Rogaciano não sofrerá tanto.

Os amigos principiam a chegar. Vão se encostando do lado de fora, contando histórias do mar. Rosinha já apareceu. Seu Noquinho trouxe a família. Não é que os mais íntimos vão jantar com o rapaz?

D. Vicença resolveu. Vai falar. Vai contar tudo, tim-tim-por-tim-tim. Mas não pode dizer nada. Rogaciano está tão feliz, tão satisfeito.

- Ela vem bonita, não vem, Vicença?

- Vem, vem...

Rogaciano sai para a frente da casa. Noquinha está com ele.

- Diazão, eim, meu rapaz? A morena vem por aí...

- Ora se vem!

Conversa a propósito de qualquer coisa. Os tocadores já chegando também. Valfrido é batuta na sanfona. Dizem que já tocou na estação de rádio. O rapaz do violão é do interior, mas toca muito bem.

- Vão entrando, gente. Vão entrando.

Vicença acha que deve se decidir. Toma um impulso e...

- Rogaciano!

Rogaciano entra em casa, outra vez.

- Que é, Vicença?

- Ela...

Se senta. Não tem forças para dizer tudo.

- Que foi? Que houve?

Levanta a vista com dificuldade.

- Natalina...

- Natalina? Que tem Natalina?

Outro esforço.

- Não vem. Não vem... Ela..

- Vamos, diga, Vicença. Diga, pelo amor de Deus.

- Natalina casou-se com...

Rogaciano sente o sangue fugir de seu rosto. Não acredita. Vicença enlouqueceu certamente ou está brincando.

- Não, não é brincadeira, não. Natalina tem outro homem.

Rogaciano se senta no primeiro banco que encontra. Quer saber o que há em verdade. O que aconteceu. Como

ela soube aquela história. Seria fuxico? Encrenca dos invejosos?

Vicença explica a história de seu Martins. O pobre homem não mente. É de confiança. Honrado. Foi mesmo. Natalina se entregou a outro homem. As cartas que ele recebia, as lembranças, tudo, tudo era mentira. Nada disso existia.

Rogaciano se sente náufrago, perdido dentro da sala. O prato de piabas fritas não cheira, fede. A jarra de alua não existe. Esta um sapo em seu lugar! Há qualquer coisa de defunto, de tristeza na sala. Se sente imensamente perdido.

Mas, Vicença, será possível!?

A velha faz sim com a cabeça. Estende os braços num gesto aflito.

Rogaciano pensa em Natalina. Uma traição dessas não se deixa impune. Se morasse em Camocim, já estaria com a faca na mão, os olhos injetados, à procura dela. E seria capaz de fazer uma asneira. Primeiro nela, depois nele. Não tinha mulher para os outros carregarem. Homem é homem. E em mulher de homem, ninguém mete a mão.

Ergueu-se do tamborete, com dificuldade. Apanhou um copo, agarrou a garrafa de cachaça, tomou um trago de meio copo. Ficou quase sem fôlego. Depois, tossiu. Estava pensando agora nos amigos que se encontravam lá fora, esperando por ele, esperando pela noiva. Ele é um besta. Um animal. Não devia ter dito nada. Não devia ter confiado em amor de mulher.

Bebe mais um trago. Que decepção, meu Deus?

Vicença fica sem ação. Perdeu a voz. Agora está chorando, com pena do rapaz. Rogaciano também não pode falar. Esta cortou sua vida para sempre. Se sente um homem sem destino.

Seu Noquinho, lá de fora, pergunta a que horas chega a noiva. Natalina está custando, gente. Rogaciano quer

dizer alguma coisa, falar por exemplo assim: “Natalina me enganou, casou com outro, não vem mais”. Mas não pode. Tem vontade de fugir, de desaparecer para sempre.

Bebe novo trago. A cabeça está quente, rodando. Vicença tem o rosto cômico, assim com os olhos apertadinhos minando lágrimas. Rogaciano avança para a cozinha. Vai saindo levando consigo um coração ferido, uns olhos tristes de desiludido.

Vicença procura se levantar, impedir. Mas não pode. Está dura, pedrada e sem forças. A única coisa que faz é chorar, chorar soluçando.

A jangada avançou para dentro do mar.

Um homem apenas luta com dificuldade para governá-la.

A vela vai se abrindo aos poucos, fazendo seio, pegando vento. O vento está mais fraco, mais convidativo para as grandes viagens.

Na praia, os homens conversam. Há curiosos olhando aquele homem que avança com uma jangada não se sabe pra onde. Vicença deve estar também na porta da palhoça com os outros. Sem palavras, olhando a jangada que se afasta com Rogaciano. Ela sabe que aquilo é loucura. Que aquilo significa fuga, nunca mais, morte...

Rompe num choro alto e convulso. Seu Noquinha pergunta o que aconteceu. Rosinha está aflita. Mas Vicença pede apenas música, ela quer ouvir o homem da sanfona tocar qualquer coisa.

A jangada já vai longe, ganhando distância dentro da noite. Agora é apenas um ponto branco, distante. E ela sabe que ali não vão apenas cinco paus ligados uns aos outros. Vai um pedaço de pau humano, também, ao sabor das ondas, cumprindo um destino mau.

E a sanfona principia a tocar, a tocar, para Vicença que continua chorando num crescendo nervoso.

A crítica e *Águas Mortas*  
de Eduardo Campos

---

“As páginas de *Águas Mortas* constituem em sua primeira e exuberante floração, os nossos contos sicilianos de Pirandelo ou as histórias de Maupassant, com todos os dramas esquecidos da terra”.

MÁRIO SOBREIRA DE ANDRADE

“Há muito que esperar de um escritor assim corajoso e humano.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“The stories are based on actual occurrences in the north of Brazil, that unique and vividly colorful region, and their technique is one which is characteristic of the ablest contemporary Brazilian novelists”.

GASTÓN FIGUEIRA (*Books Abroad*)

“O livro surpreende pelo seu colorido imprevisto, sendo todo ele de tonalidade as mais diversas, mas sempre esmaltadas de realidade sincera.”

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

“... Em Darcy Azambuja a história carece de mistério e mesmo de dramaticidade. No escritor do Nordeste (Eduardo Campos), ao contrário, o fundo é sempre angustiado, o drama está sempre presente.”

SÉRGIO MLLIET (*Diário Crítico*)



“Eu imagino um livro destes vindo de um autor dos Balcãs ou da Cochinchina, lançado com prefácio de Romain Rolland... Panait Strati será melhor?”

MÁRIO DE ANDRADE

“Eduardo Campos estreou bem, e por vários motivos. O primeiro é justamente por haver se iniciado nas letras através de um dos mais difíceis gêneros da literatura, o conto, especialmente o conto de caráter regional”.

FRAN MARTINS

“Eduardo Campos escreveu *Águas Mortas*, espécie de curso de admissão ao romancista vigoroso que será mais tarde”.

MÁRIO SOUTO MAIOR

“Quem, na idade do sr. Eduardo Campos, estréia com livro do fôlego de *Águas Mortas*, está na obrigação de vir a ser um dos mais seguros contistas do Brasil.”

YÁCO FERNANDES